A POESIA DE JOSÉ PAULO PAES: O PRAZER DO ENCONTRO

Maria Célia Ribeiro da Silva – Esc.Púb. Nenzinha Cunha Lima

1. Primeiros Passos

Neste final de milênio, as relações sociais estão de tal modo marcadas pela violência dos gestos, pela ausência da troca de experiências, pela falta ou apagamento dos valores que a sala de aula surge como um lugar onde é depositada toda sorte de angústia e de desesperança para com o futuro, fato que se reflete na constante apatia dos estudantes pelas aulas, nos pequenos e vazios bate-bocas com os colegas, sem esquecer, claro, das outras justificativas já conhecidas que apontam para a falta de condições de trabalho, formação precária do professor, remuneração salarial etc etc etc. Mas, enfim, foi esse o contexto que desencadeou a introdução da leitura e discussão de poemas nas aulas de português e daí a descoberta do gosto dos alunos pela poesia de José Paulo Paes.

O trabalho realizou-se na primeira semana de maio com uma 7ª e 8ª séries, que na época comportavam 39 e 36 alunos, respectivamente, sendo a atividade desenvolvida em duas aulas de cinqüenta minutos em cada turma. Inicialmente foi distribuída uma antologia poética com textos de vários autores, como Roseana Murray, Sérgio Caparelli, Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e José Paulo Paes, todos poemas curtos, ternos, bem humorados e instigantes, que sugeriam, entre outros temas, a idealização em torno do primeiro amor, os momentos de angústia juvenil, a nostalgia em função do tempo perdido, a materialização do homem e das relações, o consumismo no qual todos estamos imersos, o desejo de eternizar a figura da mãe. A escolha dos temas da antologia objetivava desarmar os alunos, desautomatizar seus sentimentos, através de uma aparente "conversa fiada" sobre os textos, sem, portanto, estabelecer qualquer relação com exercícios, notas ou outro recurso que viesse interferir no primeiro contato com os poemas. Deixá-los ler livremente, resgatar-lhes o gosto de rir, de falar de si e dos outros como se estivessem numa roda de amigos, porque este ou aquele texto lembraria um fato da vida ou apontaria para a descoberta de outras possibilidades de ver (sentir?) o mundo, desafiando, assim, o horizonte de perspectiva de cada um, foi o principal intuito deste trabalho.

E assim a atividade principiou com a leitura silenciosa de uma coletânea de 10 textos centrada nos autores acima relacionados (ver antologia no final), seguida de uma leitura oral por parte da professora e dos alunos que desejassem ler um ou vários poemas que à primeira vista despertaram sua atenção. Depois, seguiu-se uma discussão sobre as primeiras impressões deixadas pelos poemas. A princípio os alunos mostravam-se pouco à vontade para falar da reação emocional que a leitura dos textos havia possivelmente instaurado, entretanto, os gestos falavam por eles: um cochicho aqui, um riso tímido acolá, a releitura silenciosa de um ou outro poema, e "o *mal* estava feito", para usar uma expressão de Clarice Lispector. Instigados a falar sobre os textos, estrofes ou versos de que mais gostaram, apontaram para os de Mário Quintana (*Bilhete e Seiscentos e Sessenta e Seis*), Carlos Drummond de Andrade (*Para Sempre* e *Cidadezinha Qualquer*) e com muita graça e simpatia para os escritos de José Paulo Paes, que ao todo eram três: *Ao Shopping Center* , *Declaração de Bens* e *Inutilidades* , os quais transcrevo a seguir, antes, porém, uma nota sobre o autor.

2. Paes: a Linguagem Bem Humorada

Admirador do irreverente e extinto grupo de rock brasileiro "Mamonas Assassinas", discreto, engraçado e dono de um humor fino capaz de libertar o riso do mais sisudo adulto, José Paulo Paes assim se expressava quando perguntado sobre a função da poesia para o público infantil: "É uma coisa absolutamente inútil. Tanto quanto um passarinho, uma borboleta. Mas a poesia ajuda a fruir a vida.". Essa oposição à funcionalidade da poesia, idéia, aliás, que compartilha com outros militantes do verso, fez do também tradutor e ensaísta, um sujeito por quem todos se enternecem, se chegar a ler um poema seu que seja. Afinal, quem não gosta de ler a conta-gotas, falar palavrão com sentido de coisa séria, rir à toa, pensar sem obrigação? Tudo isso, imagine-se, regado a efeitos de intensa surpresa a cada nova combinação imprevista de palavras ou a cada maneira original de apresentar uma idéia, como neste curto e engenhoso poema intitulado *O Mal Menor* : *mais* vale *um pássaro na mão/que uma espingarda* ". É esse universo que salta à vista na poesia do escritor José Paulo Paes e por isso arrebata tantos adeptos, notadamente crianças e jovens, que se deixam seduzir pelo espírito irônico e brincalhão do poeta, cuja linguagem se mostra, muitas vezes, quase familiar a do adolescente, porque pouca, topicalizada até, jocosa e

surpreendente - características que marcam principalmente seus livros de poesia. Foi esse contexto lingüístico que envolveu os alunos da 7ª e 8ª séries ao ler três expressivos poemas desse autor, os apontados anteriormente, prática que será descrita no próximo tópico.

3. A Experiência

Vamos aos textos e à receptividade dos estudantes em relação aos poemas lidos.

AO SHOPPING CENTER

Pelos teus círculos
vagamos sem rumo
nós almas penadas
do mundo do consumo.

De elevador ao céu
pela escada ao inferno:
os extremos se tocam
no castigo eterno.

Cada loja é um novo
prego em nossa cruz.
Por mais que compremos
estamos sempre nus

nós que por teus círculos
vagamos sem perdão
à espera (até quando?)
da Grande Liquidação.

Em relação a esse poema, há que se lembrar inicialmente que o texto foi introduzido em um momento muito oportuno, num período em que a cidade recebia um novo shopping, na verdade um acontecimento incomum no cotidiano dos alunos, visto que poucos, até então, tinham um conhecimento restrito a respeito desse tipo de empreendimento, ou seja, não representava algo da vivência deles. O texto, contudo, permitiu uma discussão a respeito do fato, sem falar do efeito humorado dos versos *"nós almas penadas/ do mundo do consumo"* , *"por mais que compremos/ estamos sempre nus"* , *"à espera (até quando ?)/da Grande Liquidação."* e da irreverência na

disposição antitética e rítmica dos termos *céu* , *inferno*, *eterno*, sobre os alunos. Eles leram o poema várias vezes procurando desvelar com a leitura o humor incutido em determinados vocábulos e expressões - as assinaladas anteriormente -, buscavam ainda imprimir um tom interrogativo e mais uma vez humorado ao penúltimo verso da última estrofe, conforme permitia a leitura.

No campo das possibilidades semânticas, observa-se que o poema parece dialogar com o texto bíblico, quando aponta para uma comparação entre a trajetória do homem como escravo do consumo e a via cruzes, pelo menos é o que sugerem o caráter elíptico da narração e a combinação dos vocábulos *almas penadas* , *céu* , *inferno*, *castigo*, *cruz*, *perdão*, *Grande Liquidação* . Nesse aspecto, a recepção ao texto mostrou-se tímida, porém significativa, levando-se em conta o grau de maturidade dos alunos, mesmo porque a atividade não buscava necessariamente esse tipo de leitura. Vieram à discussão idéias como a perseguição pelo consumismo, a contradição entre a insatisfação material e espiritual do consumidor, sugerida pelos versos *"Por mais que compremos/estamos sempre nus"* , a natureza contestadora do texto que não reafirma comportamentos, atitudes, antes induz a reflexões espontâneas. Um poema que, podemos dizer assim, se popularizou entre os alunos, sem que passasse desapercebida uma referência sequer sobre ele.

Outro poema que despertou a atenção dos alunos, embora em menor grau de empatia, se comparado com o primeiro, é o que transcrevo a seguir.

DECLARAÇÃO DE BENS

meu deus
minha pátria
minha família

minha casa
meu clube
meu carro

minha mulher
minha escova de dentes
meus calos

minha vida
meu câncer
meus vermes

Um texto que introduz aparentemente uma nota melancólica, apontando para o tema da morte, e talvez por esse motivo não tenha merecido a recepção devida junto a alguns alunos. O autor ao satirizar um documento institucional - já que o texto parodia a estrutura de um testamento - o faz questionando o apego do homem às coisas materiais, o seu egoísmo e a inutilidade disso tudo frente à mortalidade do ser, enumerando num crescendo os elementos que possivelmente comportaria uma lista de "bens" nesse tipo de texto. O que chama a atenção na leitura do poema, no entanto, é a quebra de sentido na seleção vocabular, cujos elementos (*bens*) se mostram ora previsíveis para o leitor, como na estrofe " *minha casa/meu clube/meu carro* ", ora surpreendentes, como demonstra o restante das estrofes. O autor parece sugerir textualmente essas idéias quando faz uso dos pronomes possessivos de primeira pessoa "*meu*" e "*minha* " e quando inicia cada verso sempre com letra minúscula, como se quisesse mostrar, num outro extremo, a insignificância do homem como um ser que se materializou em termos de sentimentos, de idéias. A ausência de pontuação em todo o poema é outro dado que conduz a essa interpretação, visto que parece sugerir a pressa em função da conquista dos bens materiais.

Foram poucos os alunos que fizeram referência a esse poema, possivelmente pelo motivo citado no início deste parágrafo, pois algumas falas se referiam ao texto com repulsa, citando alguns termos do poema que, segundo eles, guardavam relação com a morte, com coisas ruins, foi o caso das palavras *câncer* , *vermes* e *calos* . Outros, porém, ainda pertencentes a esse restrito grupo, justificaram a simpatia pelo texto comentando o humor negro transparente nos versos e ainda o estilo conciso do autor.

A seguir, o terceiro e último poema, intitulado *Inutilidades*, o responsável por risos, descontração e muita conversa na sala de aula, durante e após a realização da leitura oral do texto.

INUTILIDADES

Ninguém coça as costas da cadeira.
Ninguém chupa a manga da camisa.
O piano jamais abana a cauda.
Tem asa, porém não voa, a xícara.
De que serve o pé da mesa se não andar?
E a boca da calça se não fala nunca?
Nem sempre o botão está na sua casa.
O dente de alho não morde coisa nenhuma.

Ah! se trotassem os cavalos do motor...
Ah! se fosse de circo o macaco do carro...
Então a menina dos olhos comeria
até bolo esportivo e bala de revólver.

O que mais despertou a atenção dos alunos para este texto, e daí as reações citadas anteriormente, é a forma como José Paulo Paes lança mão da figura de linguagem denominada catacrese que, embora gasta pelo uso, neste poema reassume o seu sentido característico de brincadeira, principalmente porque associado a um jogo de idéias que questiona, através de antíteses bem humoradas, a inutilidade das coisas, numa leitura preliminar, ou provavelmente, a ausência de entusiasmo, de alegria, de vida mesmo, nos gestos, nas atitudes, nas ações diárias do homem. É o que parecem lembrar respectivamente os versos: "*De que serve o pé da mesa se não andar?/E a boca da calça se não fala nunca?* "; "*Ah! se trotassem os cavalos do motor.../Ah! se fosse de circo o macaco do carro.../Então a menina dos olhos comeria/ até bolo esportivo e bala de revólver* " . O emprego das reticências nos dois primeiros versos da última estrofe parecem reforçar essa última idéia, porque conduz o leitor, embalado pelo ritmo dos versos, a completar o sentido sugerido por estes com frases aparentemente utópicas, talvez, que revelariam aspirações, desejos, um sopro de vida neste mundo tão conturbado.

Desfrutar esse momento de utopia presente neste poema, em que as coisas parecem fugir ao senso comum, à ordem, justifica na verdade a demonstração de encanto dos meninos por esse texto, como transparece na voz risonha de um deles: "Como é que pode a boca da calça falar, professora?".

4. Uma Palavra Final

Ao término da atividade de leitura e discussão da antologia poética, particularmente dos poemas de José Paulo Paes, os alunos pareciam mais relaxados, alegres, desejosos de ler outros textos do poeta. A experiência possivelmente teria acrescentado algo à vivência dos estudantes, um envolvimento individual, múltiplo, tímido, mas significativo, que de certa forma guarda alguma relação com a função essencial e despretensiosa da poesia, qual seja: "mostrar a perene novidade da vida e do mundo; atiçar o poder de imaginação das pessoas, libertando-as da mesmice da rotina; fazê-las sentir

mais profundamente o significado dos seres e das coisas; estabelecer entre estas correspondências e parentescos inusitados que apontem para uma misteriosa unidade cósmica; ligar entre si o imaginado e o vivido, o sonho e a realidade como partes igualmente importantes da nossa experiência de vida" (Paes,1996:27), ainda que só por um instante - o instante da sala de aula. Afinal, depois, para citar outra vez Clarice, "acaba-se a vertigem da bondade". Ou não?!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRIGLIONE, Laura. Palavrão é coisa séria. **Veja**, 03 de abril/96, p. 7-10.

CHIODETTO, Eder. O Escritor no Escritório. **Folha de São Paulo** , 21 de dezembro/97.

LEGADO LITERÁRIO. **Veja**, 28 de outubro/98, p. 152.

PAES, José Paulo. **A poesia está morta mas juro que não fui eu** . São Paulo: Duas Cidades, 1988.

_____. **Prosas seguidas de odes mínimas** . São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Um por todos - Prosa reunida** . São Paulo: Brasiliense,1986.

_____. **Poesia para crianças** . São Paulo: Giordano, 1996.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula** . João Pessoa: Idéia, 1995.

ANTOLOGIA POÉTICA

SELEÇÃO DE TEXTOS
Maria Célia Ribeiro da Silva

ÁGUA NASCENDO

Fiz castelos de areia
sonhos de vento
abri cavernas no mar
construí segredos
teci com teias de luz
as mais delicadas
roupagens
inventei carruagens
adornadas de estrelas
para o dia
em que te encontraste
e quando te vi
o amor era simples
o amor não pedia
nada mais
do que o milagre
da água nascendo.

(Roseana Murray)

CIDADEZINHA QUALQUER

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar ... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(Carlos Drummond de Andrade)

BILHETE

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
enfim,
tem de ser bem devagarinho, Amada,
que a vida é breve, e o amor mais breve ainda...

(Mário Quintana)

NAS HORAS ESSAS

Sei não, difícil explicar:
tem horas em que a gente se esvazia,
assim como um balão,
devagarinho,
perdendo o ar.

Sabe, nas horas essas,
a gente cai da bicicleta e do rolimã,
as pandorgas arrebentam a linha
e o cachorro mais manso
mostra os dentes, morde o ar.

Nas horas essas,
Mamãe manda calar,
Está ocupada, você não vê?
Sabe, nas horas essas, sei não,
A gente tem uma vontade doida de morrer por aí,
Desatar o nó na garganta
E quebrar o alçapão.

(Sérgio Caparelli)

AO SHOPPING CENTER

Pelos teus círculos
vagamos sem rumo
nós almas penadas
do mundo do consumo.

De elevador ao céu
pela escada ao inferno:
os extremos se tocam
no castigo eterno.

Cada loja é um novo
prego em nossa cruz.
Por mais que compremos
Estamos sempre nus

nós que por teus círculos
vagamos sem perdão
à espera (até quando?)
da Grande Liquidação.

(José Paulo Paes)

PARA SEMPRE

Por que Deus permite
que as mães vão-se embora ?
Mãe não tem limite,
é tempo sem hora,
luz que não se apaga
quando sopra o vento
e chuva desaba
veludo escondido
na pele enrugada,
água pura, ar puro,
puro pensamento.
Morrer acontece
com o que é breve e passa
sem deixar vestígio.
Mãe, na sua graça,
é eternidade.
Por que Deus se lembra
1. mistério profundo -
de tirá-la um dia ?
Fosse eu Rei do Mundo,
baixava uma lei :
Mãe não morre nunca,
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.

(Carlos Drummond de Andrade)

DECLARAÇÃO DE BENS

meu deus
minha pátria
minha família

minha casa
meu clube
meu carro

minha mulher
minha escova de dentes
meus calos

minha vida
meu câncer
meus vermes

(José Paulo Paes)

ROMANTISMO

Quem tivesse um amor, nesta noite de lua,
Para pensar um belo pensamento
e pousá-lo no vento!

Quem tivesse um amor - longe, certo e impossível -
para se ver chorando, e gostar de chorar,
e adormecer de lágrimas e luar!

Quem tivesse um amor, e, entre o mar e as estrelas,
partisse por nuvens, dormente e acordado,
levitando apenas, pelo amor levado...

Quem tivesse um amor, sem dúvida nem mácula,
Sem antes nem depois: verdade e alegoria...
Ah! quem tivesse... (Mas, quem teve? quem teria?)

(Cecília Meireles)

SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS

A vida é uns deveres que nós trouxemos para
[para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando sê vê, já é 6ª feira...
Quando se vê, passaram 60 anos...
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem - um dia - uma outra oportunidade,
Eu nem olhava o relógio
Seguia sempre, sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil
[das horas.

(Mário Quintana)

INUTILIDADES

Ninguém coça as costas da cadeira.
Ninguém chupa a manga da camisa.
O piano jamais abana a cauda.
Tem asa, porém não voa, a xícara.

De que serve o pé da mesa se não andar?
E a boca da calça se não fala nunca?
Nem sempre o botão está na sua casa.
O dente de alho não morde coisa nenhuma.

Ah! se trotassem os cavalos do motor...
Ah! se fosse de circo o macaco do carro...
Então a menina dos olhos comeria
até bolo esportivo e bala de revólver.

(José Paulo Paes)

POESIA PARA JOVENS LEITORES

José Hélder Pinheiro Alves – UFPB/DL

Encontros com a poesia

Diferentes são os caminhos que nos levam à poesia. Um professor que estimula, um amigo leitor, o exemplo dos pais, a visita a uma biblioteca, uma agenda com pensamentos e poemas, um ator que recitou poema tal, um poema musicado, a canção popular, um trabalho escolar, de início indesejado, e tantos outros que nem sequer consigo imaginar. Para mim a poesia chegou pelas ondas do rádio, ouvindo emboladores numa rádio da Paraíba. Depois continuou através de cordéis recitados por familiares, moradores da região e pelo avô que fazia quadras (que ele chamava *repente*) com os nomes das pessoas.

Os diferentes caminhos que podem nos levar à poesia não devem estimular o espontaneísmo na prática docente com o poema em sala de aula. Qualquer destes caminhos pode levar a muitos lugares ou a lugar nenhum. Daí que acho imprescindível que a escola tenha instrumentos para favorecer o acesso à arte em geral e à poesia o caso em questão neste momento. Isto é, precisa-se de *método* de de abordagem do poema e de um *projeto educativo* que tenha na poesia um de seus parceiros.[1] O grande veículo da poesia, não há o que discutir, é o livro. Outros lhe são colaboradores: discos e Cds com poemas recitados, vídeos, programas de TV, festivais de poesia, encontro com escritores e tantos mais. Mas o livro é o companheiro de todas as horas e dos mais diferentes lugares. Precisaríamos como que recuperar um espécie de culto ao livro. Quero dizer: precisamos cultivar o encontro com o livro como se cultiva um planta. Regá-la adequadamente, cuidar para que tenha a luz necessária, podá-la para que cresça saudável. Esta mercadoria é capaz de esconder em si elementos que a diferencia de tantos produtos descartáveis.

A pergunta que sempre me persegue é: como levar a poesia aos jovens leitores? Que métodos, que instrumentos utilizar, em que momento ou circunstâncias ela poderá ser melhor vivenciada? Estas questões me parecem esquecidas da maioria de nossos professores, das escolas, dos pais, de educadores em geral. Não creio que as respostas sejam definitivas. Não acredito que um dia teremos um saco de respostas prontas – o que seria muito pouco poético. Cada situação, cada turma, cada momento histórico

há de exigir de nós procedimentos diversos. Portanto, a preocupação não deve ser substituída por receituário, nem tampouco por uma busca frenética por novidade, pela última moda. Uma boa receita pode nos indicar o caminho para a cura de uma doença, mas sabemos que o organismo, com o tempo poderá se acostumar com o medicamento. Mais que receitas, precisamos desenvolver e assumir algumas posturas quanto à leitura do poema e a leitura em geral. Atrevo-me a sugerir algumas destas posturas ao professor que deseja, em diferentes situações, levar a poesia a seus alunos: 1) não se fixar, de modo absoluto, no que deu ou não certo em experiências anteriores; 2) não buscar resultados imediatos e visíveis – nesse campo há coisas sutis que nem sempre vemos; 3) ter constância no trabalho – é melhor ler diariamente um poema com seus alunos do que realizar um "festival de poesia" e no resto ano ela ser esquecida; 4) priorizar a leitura à criação - precisamos de "amadores da poesia", nos lembra Drummond [2] - e, por último, 5) é imprescindível que o professor seja um leitor de poesia.

Muitas outras questões relativas à divulgação da poesia junto aos jovens leitores poderiam ser levantadas. Duas valem ser lembradas. A primeira é o problema da realização oral do poema. Acredito que uma leitura bem treinada, expressiva é um instrumento dos mais úteis para apreciação da poesia pelos jovens leitores. [3] O segundo, é o problema da qualidade estética dos poemas. Nossa tradição lírica é rica em grandes poetas que podem e devem ser levados aos jovens. Mas que livros, que antologias indicar? A maioria de nossos professores, por razões diversas, conhece quase somente a ração do livro didático. Eis um problema sério. O mercado livreiro está atento ao problema e aos dividendos que isto pode lhe oferecer. Já passa de uma centena o número de livros de poemas escritos nos últimos vinte anos dedicados a crianças e adolescentes. [4] Se estamos acompanhando esta produção, como distinguir o que é mero jogo comercial e o que tem qualidade estética? Creio que há dois caminhos: 1) a discussão dessas obras no âmbito de cada escola, da Universidade e outros espaços; 2) o crivo do gosto individual guiado pela experiência de leitores de poesia. Os dois caminhos têm os seus problemas também, mas o problema maior é engolir tudo que o vendedor de livro nos traz e adotar obras sem o mínimo critério (este é um problema mais das escolas particulares, uma vez que na absoluta maioria das escolas públicas a possibilidade de uma adoção é totalmente descartada).

Alternativas

Um alternativa possível que facilitaria o acesso à poesia é a confecção de antologia de poemas por autores. Este caminho cada professor, em tese, poderia seguir. Para leitores adolescentes, antologia é uma boa porta de entrada. Muitos poemas de Drummond, Bandeira, Vinícius, José Paulo Paes, e tantos outros grandes poetas poderiam ser levados ao conhecimento desses jovens leitores. A partir dela o aluno tem acesso a bibliografias, a obras mais completas e complexas. Aceitará alguns poetas, rejeitará outros, mas terá um conhecimento mínimo. Creio mais na antologia que o próprio professor, que conhece minimamente seus alunos, elabora. E a cada ano poderá ampliá-la, diminuí-la, convocar novos autores. No Brasil não temos uma grande tradição de antologias de poemas dedicada jovens leitores. As mais antigas, organizadas por Henriqueta Lisboa e Mário da Silva Brito estão fora do mercado. Recentemente tivemos o lançamento de uma antologia temática de excelente qualidade: trata-se de *Poesia fora da estante* [5], coordenada por Vera Teixeira Aguiar, professora da PUCRS. Mas a distribuição tem deixado a desejar. Há uma coleção da editora Global, "Os melhores poemas [6]" que pode ser muito útil no segundo grau. Mas estou pensando aqui naquela idade intermediária que vai mais ou menos da sétima série do primeiro grau à primeira do segundo. Uma antologia com que trabalhei com alunos desta faixa e que foi sempre muito bem aceita é *Nariz de vidro* [7], de Mario Quintana. De Manuel Bandeira, temos *Berimbau e outros poemas* [8], que está mais próximo do leitor infantil. Recentemente a Record publicou de Drummond.... Outros dois livros publicados, *A senha do mundo* e *A cor de cada um* [9], embora úteis, estão longe de oferecer ao jovem uma boa amostrar de nosso grande poeta.

Um Exemplo Significativo

Em meio a escritores vivos e em constante produção, destaco a obra do gaúcho Sérgio Caparelli. Sua produção poética para criança é das mais significativas e ultimamente tem incursionado pelo que vou chamar de poesia para adolescentes [10]. Sei dos limites da denominação. Quero chamar a atenção para o fato de Caparelli em pelo menos duas de suas obras ter como matéria de seus poemas experiências de jovens adolescentes: seus conflitos, paixões, desejos, afetos, fobias, insegurança. O modo de tratar esta matéria é que diferencia o trabalho do poeta gaúcho. Ou seja, o nível

póetico alcançado confere a seus poemas um destaque no quadro geral da poesia produzida para leitores jovens. Para não ficarmos nas generalizações, comentaremos seu *33 ciberpoemas e uma fábula virtual.*

A novidade do livro está indicado no título que fala de "ciberpoemas" e "fábula virtual". O vocabulário é em grande parte recolhido do universo da computação. E ele se amplia a cada novo poema lido: "bits", "bips", "bytes", "e.mail", "gigabytes", "CD-Rom" e tanta outras. Também são comuns os neologismos sempre muito bem cunhados, como "sexovias", "compunaves", "ciberluas". Até aqui, quem não leu o livro, poderia pensar que se trata de uma atitude neo-futurista ou coisa que o valha. E se pensou assim, se enganou. A grande sacada de Caparelli está em que todo o universo da computação foi recolhido para expressar experiências afetivas, desejos, anseios, carinho, pulsões eróticas. Ou seja, o mundo da técnica como que foi humanizada pelos sentimentos de um lírico que se expõe. Este procedimento parece-me ligado a uma tradição das mais fecundas de nossa lírica: Oswald de Andrade, em sua "Balada do esplanada", já nos ofertava esta pérola em que o objeto do progresso se torna veículo dos desejos do poeta: *Oferta // Quem sabe/ Se algum dia/ Traria/ O elevador / Até Qui / O teu amor* . Também a distribuição dos poemas no corpo da página, sobretudo a composição dos títulos dos poemas, aliam-se aos ganhos visuais conquistados pelas vanguardas concretistas. O diálogo também se faz com a lírica drummondiana, explicitamente em "O anjo pálido" que retoma "O poema de sete faces".

Para o leitor beber na própria fonte e possivelmente confirmar as afirmações que vimos fazendo, apreciaremos alguns poemas do livro. O primeiro, de rica sonoridade, como que mimetiza a força do amor em seu estado selvagem, ainda não domado:

Bit **selvagem**

viro reviro
me atiro
tomo vacina
aspirina estricnina
sigo minha sina
saio em viagem
caio em voragem

faço bobagem

teu amor
tem bit
selvagem

A sonoridade do poema – as assonâncias do *i* que percorre todo o poema como uma espécie de contaminação, as rimas, a sonoridade interna (*sigo, saio, caio*) - os versos curtos, sem pontuação pedem uma leitura rápida, diria mesmo voraz. É que o poema, ao representar a experiência inquietante da paixão, o faz de um modo também voraz. Podemos divisar neste poema certos movimentos que correspondem a fases do desacerto que o amor produz. Os dois primeiros versos nos remetem à agiração que domina o eu lírico; os versos 3 e 4 aludem à doença e necessidade de cura; o "sigo minha sina" remete-nos à idéia de destino, do inexorável, daquilo de que não se pode fugir; já o verso 6 retoma os movimentos iniciais: viajar é aventura de apaixonados (não só) – correspondidos ou não; o verso 8 indicia a idéia de abismo/queda e o último verso dessa estrofe é o resultado de toda esta convulsão: "faço bobagem" (não sabem qual). A junção final de *amor – bit – selvagem* aproxima o humano, o mecânico e a dimensão mais animal. Este rápido percurso – quase paródico – é para chamar a atenção para a riqueza do poema que não ficou no mero jogo de palavras. Trata-se de uma experiência forte, avassaladora expressa de um modo sugestivo que nos possibilita apreender vários sentidos.

O verbo navegar, cunhado pelo universo da computação, é convocado num diálogo lírico, em que a alma apaixonada "faz declarações de amor":

Navegando em rede

Cibernauta de mar aberto,
por que navegas tão perto?

Faço declarações de amor,
em rede, pelo computador.

Cibernauta de mar bravio,
por que navegas no frio?

Esse frio não enregela
o canto que fiz para ela.

Cibernauta, muito cuidado,
com um *bit* equivocado.

Trago, em meio à tormenta,
carinhos sabor de menta.

Como se pode observar, o poema é composto por dísticos independentes em que temos pergunta/questão e resposta do Cibernauta. Novamente aqui o cruzamento de vocábulos de campos semânticos distintos que se ajuntam para expressar a experiência do navegante. O tema do amor está posto em todo o poema e é uma excelente porta de entrada para aproximar a poesia de leitor jovem.

Por último, observe neste poema que o poeta nos faz reencontrar a tradição da *ave maria* tocada às dezoito horas nas igrejas, agora articulada à experiência individual. E o faz de um modo apaziguado.

Comp Atível

O CD-Rom
Formata o fim do dia
Entoando a Ave Maria
De Schubert

Acretido que os poemas comentados dão ao leitor uma idéia do diferencial desta rica obra poética em que seu autor soube dar expressão adequada à experiência de uma fase da vida e ao fazê-lo transcendeu o universo que serviu de base. O particular tornou-se universal. Por certo não só um adolescente navega "em rede" e faz "declarações de amor / ... pelo computador". O valor deste poemas está sobretudo na sinceridade da expressão das experiências.

O livro de Sérgio Caparelli é singular pela capacidade que teve o poeta de aliar o universo da técnica às experiências humanas. Há poesia onde houver experiências humanas significativas e alguém capaz de dar-lhe expressão adequada. E é preciso redescobri-las a cada instante e comunicá-los aos jovens leitores. Por certo um bom tema ou um tema atual não garante

boa poesia. Mas tratado com sensibilidade, esse tema poderá nos dizer muito de nossas experiências humanas.

NOTAS:

[1] Ao me referir aqui à necessidade de método não estou pensando em procedimentos de análise de poema. Ou seja, não defendo cursos de teoria literária sobretudo para adolescentes, embora o professor deva conhecer bem alguns dos muitos métodos de análise de poemas e possa usá-los para chamar atenção para determinados sentidos que não foram devidamente percebidos. O método a que me refiro diz respeito a difrentes modos de levar o jovem leitor a perceber a riqueza da linguagem poética sem necessariamente introduzir o leitor num metalinguagem

[2] A expressão é de sua crônica "A educação do ser poético".

[3] A questão da leitura oral não é uma unanimidade. No entanto, para espaço específico da sala de aula creio que ela seja imprescindível. Temos a alegria de indicar alguns CDs com poemas, crônicas e contos interpretados por bons atores brasileiros. Refiro-me à coleção *Poesia Falada* , que já lançou, entre outros, *Fernando Pessoa* por Paulo Autran, *Machado de Assis: poesias, crônicas e contos* por Othon Bastos, *Gregório de Matos* por Nilda Spencer, *Clarice Lispector* por Aracy Balabanian entre tantos outros.

[4] Temos um levantamento de cerca de 120 livros publicos em diferentes pontos do país. A discussão a respeito do valor estético destas obras faz parte de um projeto maior que estamos desenvolvento junto ao Mestrado em Letras da UFPB, na área "Linguagem e Ensino", no campus II, Campina Grande.

[5] *Poesia fora da estante.* Porto Alegre: Ed. Projeto, CPL/PUCRS, 199... (Coordenação: Vera Teixeira Aguiar)

[6] A coleção *Os melhores poemas* , da Global editora, dirigida por Edla van Steen, conta com mais de 30 livros de poetas brasileiros e portugueses e de diferentes estilos de época.

[7] QUINTANA, Mario. *Nariz de vidro.* 7ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1984.

[8] BANDEIRA. Manuel. *Berimbau e outros poemas.* Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1986 (Seleção de Elias José e ilustrações de Louise Nery)

[9] Os dois livros são da Ed. Record e foram publicados em 1997.

[10] Caparelli publicou para crianças os seguintes livros: *Boi da cara preta.* Porto Alegre: L&PM, 19...; *A Jibóia Gabriela.* (Ilustração: Astrid Munch) Porto Alegre: L&PM, 1984; *Come Vento.* (Ilustração: Big) Porto Alegre: L&PM, 1987. Para adolescentes, temos: *Restos de Arco-íris.* Porto Alegre: L&PM, 1995; *ciberpoemas e uma fábula virtual.* (Ilustração: Marilda Castanha) Porto Alegre: L&PM, 1996.